

## A VOZ DO SILÊNCIO EM *ANTES DE NASCER O MUNDO*, DE MIA COUTO

COUTO, Mia. *Antes de nascer o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 280 páginas.

Alice Rodrigues Guedes<sup>1</sup>

Autor de mais de 30 livros – migrando entre poesias, contos e romances – Mia Couto é o escritor moçambicano vencedor do prêmio camões (2013) e do renomado Prêmio Internacional Neustadt de Literatura (2014), recebido, também, pelo brasileiro João Cabral de Melo Neto, em 1992, fazendo desses dois autores os únicos escritores de língua portuguesa a receberem a honraria. Couto apresenta, pela primeira vez no Brasil, em 2009, a obra *Antes de nascer o mundo*. Sua edição mais conhecida, publicada pela Editora Companhia das Letras em 2016, possui 280 páginas, com 16 capítulos – sempre iniciados com um poema ou citação que converse com o conteúdo abordado – divididos em três “livros” que desenvolvem o enredo de forma envolvente.

Mwanito, o caçula da família, que será apresentado por Mia Couto, é o narrador dessa belíssima história, que toma forma na savana africana. Silvestre Vitalício, pai do menino, foge da vida que tinha na companhia de Mwanito; Ntunzi, o filho mais velho; e Zacaria, o militar empregado da família; com destino a um lugarejo em Moçambique, nomeado pelo patriarca de Jesusalém, “a terra onde Jesus haveria de se descruificar” (COUTO, 2016, p.11), com a justificativa de que a vida fora da terra de Jesus já não existe mais. Além da família principal, o livro também introduz o Tio Aproximado, único personagem da trama que tem contato com o que está fora de Jesusalém, responsável, assim, por levar mantimentos para Vitalício.

O primeiro livro, “a humanidade”, destina cada um de seus capítulos a um sobrevivente habitante do lugarejo. Aqui, são apresentadas com detalhes, pela primeira vez, as personagens, a cidade e as regras ditadas por Vitalício para a convivência no local. No primeiro capítulo, o autor apresenta o cargo dado a Mwanito de “afinador de silêncios”, cargo estabelecido pelo pai, que sempre pedia ajuda para ficar calado. O menino explica que seu silêncio é um dom herdado, e relembra a mãe que, “de tão calada, ela deixara de existir” (COUTO, 2016, p.14). Ntunzi, diferente do irmão, não possuía uma boa relação com o pai, e

---

<sup>1</sup>Graduanda do 5º período de Letras Português da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Alagoas. Integrante do PET Letras Ufal desde 2022.

desacreditava de todas as histórias contadas por ele. Em diversos momentos da obra, o real se mistura com a fantasia e ao leitor é passada a mesma sensação de desconfiança presente em Ntunzi. Não é possível distinguir com clareza até que ponto as narrativas de Vitalício são confiáveis e em quais momentos o pai dos meninos beira a loucura.

É no inquietante livro dois que a trama caminha mais rápido ao encontro das respostas, introduzindo novas personagens. O cenário que, até então, não tinha apresentado nenhuma personagem feminina, é modificado em “a visita” após a chegada de Marta, uma fotógrafa portuguesa, no local do exílio da família. É essa chegada que vai atizar os sentimentos e as perguntas dos dois irmãos, desestabilizando os discursos de Vitalício, pois fica clara a existência de vida fora de Jerusalém. O segundo capítulo deste livro é contado a partir das cartas da viajante, que possuem a mesma brandura poética da narração de Mwanito. Entrelaçando essas duas narrativas, Couto faz um delicado caminhar, carregando a trama entre o isolado lugarejo e os prédios portugueses. Também delicado, e muito bem trabalhado, é o “nascimento” de Mwanito nessa parte da história. O escritor expande o crescimento do menino, que se dá simultaneamente ao crescimento do tempo em Jerusalém, e prepara o leitor para o nascimento de novas narrativas no começo do livro três.

Em cada parte, há o surgimento de novas peças para completar o quebra-cabeça da memória da vida antiga de Mwanito, mas é no livro três que todas as perguntas que surgem – na cabeça dos meninos e na do leitor – são, finalmente, respondidas em “revelações e regressos”, o último dos livros apresentados, que esclarece o que aconteceu com as personagens e com o resto do mundo. É, também, o final da obra que vai afirmá-la como um metalivro, quando é revelado que *Antes de nascer o mundo* é uma história escrita por Mwanito, como se o menino fosse um heterônimo de Couto, escrevendo sua própria vida. Essa revelação acontece quando o irmão mais novo entrega para Ntunzi o exemplar de seu texto, afirmando “Aqui está Jerusalém” (COUTO, 2009, p. 276).

*Antes de nascer o mundo* é uma narrativa muito bem construída que aborda a conflituosa relação humana com o tempo e a memória. Couto produz uma obra rica em sentimentos e emoções, repleta dos mais bonitos diálogos com uma marca de oralidade já familiar em seus escritos. Com uma forte veia poética ligando as formas de escrita, o autor inclui em *Antes de nascer o mundo* um multiculturalismo e uma busca da identidade nacional também sempre presentes nas literaturas do escritor brasileiro Guimarães Rosa. Em suas páginas, o moçambicano transforma a pacata Jerusalém em uma beleza literária única,

caminhando passo a passo com o leitor por uma história recomendada a qualquer um que se proponha a ler com o coração.